

TECENDO ESCUTAS ENTRE AS MARGENS E O CENTRO: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A PSICANÁLISE E O TRABALHO VOLUNTÁRIO

Weaving listening between the margins and the center: possible articulations between psychoanalysis and voluntary work

LUÍSA STEIGER PIRES DE OLIVEIRA¹

RESUMO: Contagiada pelo humano das cidades invisíveis que conheci, divido aqui uma proposta diferente de pensar o nosso *setting* psicanalítico tradicional tal qual aprendemos e reproduzimos. Compartilho relatos das minhas vivências e trajetória como voluntária em diferentes comunidades, costurando com trechos do livro *Cidades invisíveis*, de Italo Calvino, e com apoio de uma bibliografia que explora o mundo fora das fronteiras do consultório.

PALAVRAS CHAVES: Psicanálise. Subjetividades Periféricas. Voluntariado.

ABSTRACT: Caught by the human in the invisible cities I've met, here I share a different proposal to think about our traditional psychoanalytic setting as we learn and reproduce. I share reports of my experiences and trajectory as a volunteer in different communities, sewing with excerpts from the book *Invisible Cities* by Italo Calvino and with the support of a bibliography that explores the world outside the borders of the office.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Peripheral Subjectivities. Volunteering.

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.

– A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco –, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

¹ Psicóloga com formação em psicoterapia da infância e adolescência pelo CEAPIA. Cooordenadora do CEAPIA Social. Sócia Voluntária do Instituto Cidades Invisíveis. Coordenadora do Papo Reto – Roda de Conversa e Supervisora das atividades na Casa Bonsai Vidigal (RJ). E-mail: luisa.steiger@ceapia.com.br.

– Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

– Sem pedras o arco não existe.

(Calvino, 1990, p. 79)

Os indivíduos que vivem às margens, ou como diz Carolina Maria de Jesus (2020), no quarto de despejo, têm apresentado desafios para o *setting* “tradicional” feito de quatro paredes e algumas poltronas. Se como norma temos de considerar o ambiente do sujeito que tratamos, como fazer quando esse ambiente é permeado por exclusões, desigualdades, opressões e violência?

Assim como Marco Polo descreve para Kublai Khan, venho contar um pouco da minha trajetória e andanças pelas cidades e pessoas invisíveis que conheci. O mapa mundi de Italo Calvino (1990) é diferente. Cada cidade tem uma característica atrelada ao seu nome: são cidades desejos, memórias, símbolos, trocas, olhares, mortes, nomes, delgadas, contínuas, ocultas. As cidades invisíveis que conheci foram sendo mapeadas em mim pelas suas cores, olhares, movimentos, sons e cheiros. Mexeram com meus sentidos, me arrepiando os braços, apertando meu peito e me fazendo sorrir com os olhos marejados.

Zaíra – cidade memória

Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (Calvino, 1990, p. 14)

Minha primeira experiência em uma comunidade foi conhecendo uma história, contada por meio de pinturas na parede, no começo de uma rua, na entrada de um morro. Começava por uma senhora, a Dona Mariquinha, que dá nome à comunidade, depois dela as pinturas iam sendo de rostos mais jovens até chegar numa criança. As pinturas eram muito vivas, intensas e coloridas, mesmo em preto e branco, o brilho no olhar e as marcas nas expressões não passavam despercebidos. Quem guiava o grupo também estava pintado na parede, como parte viva da história da comunidade.

Assim como em Esmeraldina, uma cidade troca, cada comunidade é uma “rede de trajetos que não é disposta numa única camada; segue um sobe e desce de escadas, bailéus, pontes arqueadas, ruas suspensas” (Calvino, 1990, p. 83). E assim comecei o que se chama “Rolê da Mariquinha”, um passeio pelas ruas e vielas do Morro da Mariquinha, uma das 16 comunidades que formam o Maciço Morro da Cruz, no centro de Florianópolis. A cada passo eu era inundada de sensopercepções, sentia que meu corpo não dava conta de tantos novos estímulos. Janelas coloridas e de cor de cimento, algumas portas abertas, outras

fechadas. Sons de televisão ligada cruzavam nosso caminho, assim como o de gritos e gargalhadas de crianças que aos poucos encontrávamos.

Os muros que contornavam as ruas começaram a se mostrar coloridos, vivos. O guia nos contou sobre o Projeto Favela em Cores, que transformou parte da Marquinhã na maior galeria de arte urbana a céu aberto de Santa Catarina e quarta maior do país, buscando, assim, elevar, além da autoestima dos moradores, o turismo e, por consequência, o comércio, o empreendedorismo e a economia local.

A arte se configura como forma de existência e pertencimento. Ter sua casa pintada é ser reconhecido dentro da comunidade como um morador aberto, disponível e engajado nas transformações. Mais do que isso, é ter um estado – raro – de contentamento no lugar em que se vive. Sua casa agora conta uma história.

Seguindo o “Rolê da Marquinhã”, conhecemos alguns moradores e muitas crianças ao longo da caminhada. Paramos em um ponto onde havia várias crianças brincando juntas. O guia nos apresentou elas, com seus nomes e atividades preferidas e que se destacavam, quase todas no esporte. Havia uma menina alta e bem arrumada que pensei que poderia gostar de ser modelo ou atriz. Outra mais baixinha, que usava óculos e parecia observadora, pensei que poderia gostar de escrever. Segui com meus pensamentos acompanhando cada história que cada muro, artista e morador me contava. Conforme subíamos, as ruas ficavam mais estreitas, havia sujeitos com radinhos nas mãos em cada esquina e as pinturas não eram mais tão frequentes nos muros. Subimos até uma pedra de difícil acesso, onde passamos por moradias históricas e paradoxalmente destruídas e preservadas pela natureza. O esforço para chegar na pedra foi recompensado com uma vista incrível de grande parte de Florianópolis. Terminamos o “Rolê” com um delicioso almoço em um bar da comunidade.

Saí de lá tomada por diversos sentimentos: por um lado, eu enxergava tanta pobreza, falta de acessos, precariedade nas construções e nos recursos; por outro, enxergava arte, história, brincadeiras de rua, sorriso no rosto e escutava gargalhadas. Como existia tanto em tão pouco? Me deixei contagiar pelo “tanto” e quis investir nisso de alguma forma.

Quando alguém nos busca no território clínico (consultório), é sabido que o processo irá incluir não só o sujeito, mas todos os outros sujeitos que o rodeiam e seu ambiente. Num território social (comunidades, ruas, periferias) não é diferente. Trabalhamos de forma interdisciplinar, incluindo instituições, recursos, pessoas e lugares a que o sujeito tem acesso. Como se relacionar com essas forças intensas desse território (Broide & Broide, 2020)?

Ipásia – cidade símbolo

– Os símbolos formam uma língua, mas não aquela que você imagina conhecer. Compreendi que devia me liberar das imagens que até ali haviam anunciado as coisas que procurava: só então seria capaz de entender a linguagem de Ipásia. (Calvino, 1990, p. 48)

Nas cidades invisíveis que (des)conhecemos, o que costuma ficar visível primeiro é o desamparo, a violência, os buracos nas paredes, o tráfico, o chão batido, a roupa suja e rasgada. O passado que excluiu e periferizou esse local e essas pessoas é marcado a ferro quente na memória de todos nós. Como poder se aproximar desses territórios?

Quando embarcamos nesse destino, levamos na mala memórias e desejos, mesmo avisados por Bion (1967/1969) que o melhor é deixar isso em casa. Tal qual no consultório, em qualquer outro território devemos nos portar como se nada soubéssemos, não no intuito de emburrecimento, pelo contrário, para poder de fato escutar e aprender. E sim, nós temos muito a aprender com quem vive diferente da gente. É necessário romper com supostos saberes de uma realidade que não se vive. Esses supostos saberes são como pontos cegos e surdos, que tiram a voz e a vez de quem tem, de fato, o saber.

Como bem alerta Marco Polo, “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (Calvino, 1990, p. 59). A periferia é palco da parte perversa do processo de globalização. Em um mundo onde “ter” é mais subjetivante que “ser”, o roubo de um tênis constitui um sujeito. Broide e Broide (2020) nos esclarecem esse exemplo aparentemente estranho: usar um tênis de uma marca específica não é simplesmente usar um tênis, é a experiência, ainda que breve, de sair da invisibilidade por meio do imaginário provocado por aquela marca. Entendemos então que a busca não é pelo tênis, é, pelo desejo, ser sujeito existente. Nessa trama entra o que os autores chamam de dispositivos clínicos, que nos orientam e guiam para, por meio da nossa transferência, poder escutar esses sujeitos.

Ercília – cidade trocas

Para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem os fios entre as arestas das casas, brancos ou pretos ou cinzas, ou pretos e brancos, de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade, representação... teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma. (Calvino, 1990, p. 72)

Após o Rolê da Mariquinha, liguei para o diretor do Instituto Cidades Invisíveis (que era responsável pelo Rolê) e compartilhei o que havia observado, como havia me sentido e minhas ideias, principalmente em relação às crianças, para o lugar que eles estavam investindo dentro da comunidade, o “Bairro Educador”. Após me ouvir pacientemente ele me perguntou porque eu mesma não ia até lá fazer as coisas que falava com tanto entusiasmo. Aquela pergunta me pegou de surpresa – e de jeito. Inicialmente confusa, pois residia em outra cidade, acabei organizando minha agenda, montando um plano de trabalho e indo em média uma vez por mês na comunidade. Lá eu trabalhava em conjunto com uma colega da Pedagogia numa oficina de contação de histórias e acompanhava as

crianças nas suas várias outras atividades que envolviam esportes, jardinagem, ajudar na preparação dos lanches, assistir a filmes, brincar no pátio etc. Esse meu simples “acompanhar” foi permitindo que eu deixasse, aos poucos, de ser uma estranha com sotaque esquisito para as crianças, para ser também uma referência ali dentro. Também me colocava à disposição e ouvia toda a equipe de trabalho, a qual compartilhava comigo suas angústias e preocupações.

Um dia, eu e minha colega estávamos fazendo uma atividade ao ar livre e sentamos todos na grama, em círculo. Do meu lado um menino de quase 10 anos e do outro um de 4. Ambos conversavam comigo ao mesmo tempo. De repente, aparece uma senhora nas escadas e chama pelo mais velho. Este então me conta que essa era sua mãe e avó do menino que estava do meu outro lado, do qual ele era tio. Eu fico extremamente confusa pela proximidade do parentesco e idade e ele segue me contando que tem vários irmãos bem mais velhos e que o que estava ao meu outro lado era filho de um deles.

Como entender a estrutura familiar e psíquica desses meninos e a do ambiente em que eu estava? Como conversar com esse território que não seguia “as regras” que eu conhecia? De quais novas regras e saberes eu precisaria me apropriar para me integrar ali? A psicanálise sozinha se mostra insuficiente para compreender tantas complexidades que existem por aí (Broide & Broide, 2020).

Pirra – cidade nome

Nunca a tinha visto. Era uma das tantas cidades que nunca visitara, que imaginava somente a partir do nome.... Pirra era uma delas, diferente de todas as outras, assim como cada uma delas era inconfundível para os olhos da minha mente. Chegou o dia em que as minhas viagens me conduziram a Pirra. Logo que coloquei os pés na cidade, tudo o que imaginava foi esquecido; Pirra tornara-se aquilo que é Pirra. (Calvino, 1990, p. 87)

Minhas idas a Mariquinha eram movidas pelo meu desejo de aprender. Sentia que, no final das contas, tinha pouco a dar e muito a receber. Nessa configuração eu me colocava no lugar de observadora e “apreendedora” de conhecimentos.

Para as oficinas de leitura, minha colega criava um ambiente muito interessante: ela colocava uma música instrumental no seu telefone e comunicava às crianças que deveríamos ser capazes de ouvir aquela música de fundo o tempo todo enquanto líamos a história juntos. Isso acalmava as crianças para começarmos a atividade, era um recurso para autorregulação, e, quando elas se agitavam, como sinal para se organizarem novamente, nós, coordenadoras, levantávamos os braços abrindo e fechando as mãos. As crianças repetiam esse movimento, iam se acalmando, ajudando umas às outras, e assim também voltávamos a escutar a música. Uma vez que a criança se entende, consegue entender melhor o outro e, assim, se relacionar de forma mais completa e significativa no mundo (Gutfreind et al., 2013).

A leitura em conjunto do livro *O pequeno príncipe preto* me marcou muito. É a história de um príncipe que percorre vários planetas para espalhar sementes de Baobá, que ele vem a chamar de Ubuntu. As sementes são representantes do resgate da sua ancestralidade, da cultura negra, da empatia, do amor, da coletividade, do respeito e da diversidade. Com essa história trabalhamos a identificação das crianças com a cor da sua pele, o jeito do seu cabelo, suas origens, história e cultura. Abrimos espaço para elas trazerem apontamentos, situações de discriminação que já haviam vivido, dúvidas e também oportunidade para se enxergarem com mais amor e cuidado.

O conceito de “Ubuntu”, que eu já conhecia, ocupou outro espaço dentro de mim: “Ubuntu é um provérbio africano que quer dizer eu sou porque nós somos”. Essa pequena palavra transmite o tanto que significa humanidade. Para entrar em contato com o humano do outro, preciso entrar em contato com a minha pele humana, despindo-me, sem me desintegrar, das teorias e técnicas que me protegem. A humanidade derruba fronteiras que cercam e separam os mundos dos visíveis e invisíveis – invisibilizados por nós, para o nosso conforto (Noal, 2017).

Tamara - cidade símbolo

Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas... Mesmo as mercadorias que os vendedores expõem em suas bancas valem não por si próprias, mas como símbolos de outras coisas. (Calvino, 1990, p. 17)

Quando pensamos em infância e desenvolvimento saudável, pensamos em Winnicott, Bowlby, Anne Alvarez e diversos outros autores, que também nos falam dos prejuízos que ocorrem na ausência do brincar, nas graves consequências no psiquismo se problemas acontecem no processo de simbolização.

No consultório, na maioria dos casos, podemos observar isso de perto, com tempo e podendo envolver a família e a escola no tratamento que indicamos. Mas e quando o cenário é outro? Quando o enquadre a dois perde as paredes para os muros de uma comunidade, quando as nossas confortáveis poltronas e divãs se tornam o chão de concreto e quando os nossos tradicionais brinquedos de consultório (família terapêutica, jogos de tabuleiro, tintas etc.), não estão (pelo menos não num primeiro momento) ao nosso alcance (Gutfreind et al., 2013; Broide & Broide, 2020)?

Minha colega criou uma brincadeira de pique-esconde no final do dia de atividades na Mariquinha, quando começava a escurecer, dando um ar de suspense e terror que as crianças adoravam. Para essa brincadeira acontecer, porém, o dia precisava ter sido produtivo e brigas não podiam acontecer. Quando elas aconteciam, parávamos tudo para conversar sobre o que havia motivado a briga e como encontrar uma solução em conjunto. Só depois de feitas as pazes, seguíamos com a brincadeira. Aparentemente simples, essa

tarefa levava tempo. Um dia, a menina alta que observei no meu primeiro dia no Rolê, irritada com a demora na resolução da briga, disse: “Vamo logo, que saco! Ano que vem eu não vou poder vir aqui, porque vou fazer 15 (anos) e vou ter que trabalhar, eu quero brincar o máximo aqui!”. Quando a escuto, penso: “Eu sonhando que ela seria modelo e ela com medo de crescer”. Somos produtos da sociedade em que vivemos, e a nossa felicidade está atrelada à nossa sociabilidade, principalmente nos primeiros anos de vida (Gutfreind et al., 2013). Essa menina traz um prazo de validade para sua felicidade, atrelada ao prazer de brincar com os colegas. Quando “virar adulta”, com 15 anos, vai precisar trabalhar e não vai mais ter tempo de ser adolescente. Essas questões perpassam o grupo de uma maneira geral, visto que havia mais crianças que beiravam perder esse espaço a qualquer momento, por motivos incondizentes com a sua idade e responsabilidade (cuidar de irmãos mais novo, ajudar os pais no/com trabalho etc.).

A escuta qualificada de cada história, da pulsação da vida, onde quer que ela esteja é o que Broide e Broide (2020) vão chamar de dispositivos clínicos. A circulação da palavra entra como peça-chave aqui, possibilitando a criação de um espaço de elaboração, de reflexão e de existência. O conceito psicanalítico de transferência, que nos é tão caro e diário, também nos acompanha nesse outro cenário, permitindo uma melhor e mais ampla compreensão das complexidades que se apresentam. Por meio dela e em conjunto com a nossa ética e outros saberes, podemos costurar contornos de narrativas soltas.

Kublai: Não sei quando você encontrou tempo de visitar todos os países que me descreve. A minha impressão é que você nunca saiu deste jardim.

Polo: Todas as coisas que vejo e faço ganham sentido num espaço da mente em que reina a mesma calma que existe aqui, a mesma penumbra, o mesmo silêncio percorrido pelo farfarhar das folhas. (Calvino, 1990, p. 95)

O rigor clínico do consultório nos acompanha nas urgências sociais. Um fio que encontramos em meio ao mais completo desamparo é o que irá nos guiar para fazer traduções, conexões e possíveis ligações com a rede; afinal, a transformação é coletiva. “Quando escutamos, o sujeito fala” (comunicação pessoal de Jorge Broide em 22 de março de 2021) nem que seja um “pedaço de diálogo” indo à praça em Melânia, cidade que fala de morte e mudanças constantes (Calvino, 1990, p. 76). Essa escuta é ativa, territorial e vai permitir, por meio da transferência, que o sujeito nos conte da vida como ela é, com direito a morte, desespero, violências, questões individuais, coletivas, culturais, políticas, lícitas e ilícitas. Nesse cenário, o exercício é, com criatividade, vislumbrar saídas e rotas de emergência, suportando as angústias do processo.

Nessa tessitura de desafios urgentes, percebemos que cada dispositivo é único, assim como cada sujeito que escutamos e cada significante e demanda que nos trazem (Broide & Broide, 2020).

Clarisse – cidade nome

Montada com os pedaços avulsos da Clarisse imprestável, tomava forma uma Clarisse da sobrevivência... Os tempos de indigência eram sucedidos por épocas mais alegres: uma suntuosa Clarisse-borboleta saía da mísera Clarisse-crisálida. (Calvino, 1990, p. 98)

O trabalho na Mariquinha durou poucos meses. Tratando-se de saúde pública, questões políticas se atravessaram e afetaram negativamente o trabalho que estávamos construindo. Nesse mesmo período, estava tomando forma um novo Bonsai no Morro do Vidigal, na zona sul do Rio de Janeiro. Por ser uma cidade a que eu estava indo constantemente, comecei a me envolver nesse novo projeto desde o seu início.

O Instituto Cidades Invisíveis tem como metodologia de ação nas comunidades a implementação de “Bonsais”, inspirado na frase do economista Muhammad Yunus: “Pessoas pobres são como bonsais, não há nada de errado com sua semente. A sociedade que nunca lhes oferece o espaço para crescer”. A proposta é oferecer espaços que sejam fonte de conhecimento, oportunidades e desenvolvimento de habilidades individuais e interpessoais.

Nesse espírito, no final de 2021, comecei a percorrer outras histórias, em uma cultura diferente. Esse Bonsai começou fervilhando com *workshops* de tatuagem, grafite e oficinas fixas de dança, moda e customização de roupas, yoga, boxe e reforço escolar. O acesso à arte, à cultura e ao esporte costuma ser fator protetivo e de grande impacto social nas comunidades. Além de possibilitar um resgate cultural local, desenvolve diversas habilidades cognitivas e sociais, diminui a vulnerabilidade social e amplia oportunidades e a geração de renda (Ansara & Dantas, 2010; Maciel & Alves, 2015).

Como de costume, por alguns meses, passava as tardes somente observando e interagindo com as crianças e a equipe. Fui me ambientando ao ritmo da comunidade até sentir que já possuía certo vínculo. A equipe foi fundamental na minha inserção, apresentando-me como psicóloga e abrindo espaços de conversa comigo. Tímidos, poucos adolescentes me buscavam, mas todos já me cumprimentavam pelo meu nome e não mais por “tia”.

Conforme o Bonsai ia crescendo dentro da comunidade, a demanda acompanhava. A equipe me buscava cada vez mais para ajudar em manejos de situações difíceis com os adolescentes: “A gente não tem a visão e o conhecimento que tu tem, tá ligado? E falo da minha experiência com eles, mas é importante eles ouvirem de ti também”, me diziam os coordenadores. Esse “também” na frase do meu colega merece um destaque: nossos saberes são complementares; não é o meu, como profissional de saúde mental, que é o mais importante. Foi assim, construindo e juntando conhecimentos, que surgiu o *Papo Reto*, uma roda de conversa com os jovens frequentadores do Bonsai.

Inicialmente lidando com silenciosos observadores, utilizei diversos instrumentos para colocar a palavra e a escuta para trabalhar. No meu primeiro encon-

tro com eles, construímos em conjunto o que seria aquele espaço: compartilhei minhas ideias e perguntei se aquilo fazia sentido para eles. Todos concordaram e aos poucos iam se manifestando, alguns pela fala, outros pela escrita, outros ainda pelo desenho. Fizemos combinações de sigilo, confiança e respeito. Começamos a trabalhar pelo reconhecimento das emoções. A tristeza e a raiva estavam presentes em peso, acompanhadas da ansiedade, ao contrário da felicidade, que aparecia em menor proporção. O exercício de escuta entre eles se deu de forma interessante, pois se surpreendiam, com os relatos em comum, ao perceber como poderiam se ajudar no dia a dia.

Quando propomos algum trabalho em comunidades, é interessante que possamos envolver os membros em todas as fases das atividades propostas, auxiliando na construção de um conhecimento social e comunitário, em que cada um possa compreender e se apropriar do papel que ocupa, auxiliando na autonomia e no protagonismo nas suas vidas e no local de moradia. Isso é o que chamamos de sustentabilidade – o quanto um trabalho proposto se sustenta depois que saímos (Azevêdo, 2009; Ansara & Dantas, 2010; Broide & Broide, 2020; Maciel & Alves, 2015; Scarparo & Guareschi, 2007).

Para desenvolver um projeto com uma boa sustentabilidade, é necessário compreender quais são as necessidades daquela comunidade. De acordo com o sociólogo Jonathan Bradshaw, existem quatro categorias de necessidades sociais: necessidades sentidas (pensamentos e sonhos que a comunidade entende como prioridade); expressas (o que a comunidade expressa pelas suas ações e é passível de ser observado); normativas (profissionais ou especialistas comparam a situação atual a padrões profissionais ou especializados) e comparativas (comparam a situação atual com a de outras pessoas) (PM4NGOS, 2020). Escutar essas necessidades perpassa uma dimensão ética importante. Valorizar o olhar e os sentimentos da comunidade permite que a transformação social leve a um fortalecimento comunitário mais justo, real, participativo, democrático e sustentável (Ansara & Dantas, 2010; Broide & Broide, 2020; Maciel & Alves, 2015).

Inicialmente quinzenal, o *Papo Reto* ganhou um espaço semanal na agenda comunitária e teve seu número de participantes aumentado. Utilizando diferentes instrumentos (livros, jogos, dinâmicas, desenho, escrita), fomos inaugurando juntos um espaço seguro de fala e escuta. Dois jogos em especial se tornaram os preferidos: um era o jogo das emoções, composto por várias cartas, algumas com as emoções escritas e outras com variadas expressões faciais, sendo o objetivo unir de forma correspondente. Mais do que juntar, criamos sentidos e compartilhamos exemplos de situações cotidianas daquelas emoções. O outro jogo era também de cartas, mas com perguntas aleatórias que abordavam assuntos gerais, despertando a curiosidade, a surpresa e também abrindo espaço de fala e escuta. Assim, ludicamente, falamos muito sério. O que aliás está ligado ao nome do grupo, criado em conjunto: *Papo Reto*. Broide e Broide (2020) falam sobre a importância de as experiências serem costuradas com palavras, permitindo, assim, a nomeação de conflitos, sentimentos, dores e desamparos.

É possibilitar o encontro com a dor e o desejo de si e do outro, é colocar a fala antes, e talvez até no lugar, do ato. Falar sobre a dor é diferente de se machucar. Isso inaugura o pensamento para criar rotas alternativas, com diferentes possibilidades de projetos futuros de vida.

Em Raíssa, cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e se desfaz... (Calvino, 1990, p. 135)

Meu contato, enquanto profissional, com questões sociais começou em 2019 com a criação do CEAPIA Social. A partir de encontros mensais abertos à comunidade, em que aconteciam muitas trocas e discussões válidas tanto para quem apresentava quanto para quem assistia, o CEAPIA Social surge com o propósito de levar essas trocas para quem não chegava até o CEAPIA. Por meio de campanhas de arrecadação de alimentos, agasalhos, livros e brinquedos, montamos propostas de ação e, com a ajuda da nossa assistente social, escolhemos algum projeto para atuar.

Logo no início de 2021, conheci, pelo Rolê da Mariquinha, o Instituto Cidades Invisíveis, que revolucionou o conceito que até então conhecia de voluntariado e ação social. Ele traz como lema a frase “Somos pontes, conexões para um mundo melhor”; e através da arte, tecnologia, cultura e esporte, costura novas possibilidades e oportunidades dentro das fábricas de talentos que são as comunidades.

Salvador Celia reforça esse lema quando diz que a nossa saúde está atrelada à cultura em que vivemos. Se essa conexão for facilitadora de boas e criativas vivências, teremos uma saúde física e psíquica mais forte. “Ter cultura é ter saúde” (Gutfreind et al., 2013, p. 23) e funciona como antídoto para a violência. A importância do profissional da saúde nesse campo é a de mantê-lo criativo, ativo e com potencial lúdico.

Polo: Que os carregadores, os pedreiros, os lixeiros, as cozinheiras que limpam as entranhas dos frangos, as lavadeiras inclinadas sobre a pedra, as mães de família que mexem o arroz aleitando os recém-nascidos, só existem porque pensamos neles.

Kublai: Para falar a verdade, jamais penso neles.

Polo: Então eles não existem. (Calvino, 1990, p. 109)

Tal qual Marco Polo conta a Kublai sobre as cidades invisíveis que vê, muitas vezes deixamos nos levar pelos contos da mídia sobre as margens das nossas grandes cidades: verdadeiros marginais, preguiçosos, perigosos. Será que é só isso? E qual o nosso papel e responsabilidade enquanto profissionais de saúde? Será que nós, psicólogos e psicanalistas, que tanto gostamos de interrogar e fazer nossos pacientes pensarem, não precisamos fazer isso em relação às nossas próprias práticas e estudos?

Gonçalves e Portugal (2016) e Miranda & Félix-Silva (2022) trazem esse ponto como um primeiro desafio: quão atualizadas estão as nossas referências teóricas para dar conta dos múltiplos e periféricos psiquismos, sofrimentos e

realidades? E mais: quão preparados estão os profissionais para atuar em situações públicas e vulneráveis? No território desconhecido, o nosso “não saber” é intensificado, assim como nossa impotência diante do desamparo. Suportar, sobreviver e permanecer é oportunizar a ampliação do nosso escopo de atuação, é não voltar para um velho conhecido, seguro e estabelecido conhecimento. A psicanálise trabalha, desde a sua criação, com conceitos que não se limitam a quem nos alcança no consultório. O desafio consiste em que nós possamos ir em busca de escutar as tantas outras subjetividades que estão afastadas do centro. O estudo dos fenômenos sociais deve perpassar o contexto político, social e cultural, abrangendo as multiplicidades e diversidades existentes, objetivando produzir conhecimento, reflexões, críticas e auxiliar na disseminação do conhecimento científico (Broide & Broide 2020; Danto, 2019; Gonçalves & Portugal, 2016, Miranda & Félix-Silva, 2022).

Montero (2004) fala de cinco dimensões para explicar, nortear e problematizar as intervenções em comunidades: ontológica (a natureza do ser e da relação entre quem investiga e quem são os sujeitos de investigação), epistemológica (como é a produção de conhecimento e relação entre sujeito investigador e investigado), metodológica (quais meios são utilizados para a produção de conhecimento), ética (é necessário incluir e apropriar o sujeito investigado no processo de produção de conhecimento) e política (o conhecimento deve ser aplicável e sustentável pela comunidade, envolvendo aqui também questões de políticas públicas).

A essência do trabalho comunitário é a participação ativa da comunidade. Não como sujeito investigado, mas como sujeito protagonista, com voz e vez, participativo no processo de (re)construção e apropriação da sua realidade e dos processos que a envolvem. Enfatizar as potencialidades ao invés das fraquezas e pensar ações que sejam de caráter preventivo para as próximas gerações se faz fundamental (Gonçalves & Portugal, 2016; Broide e Broide 2020; Miranda & Félix-Silva, 2022; Montero, 2004).

Trabalhar com o “lado b do mundo”, como diz Eliane Brum no prefácio de *O humano do mundo*, de Debora Noal, é cruzar fronteiras e ir na contramão do conforto e do conhecido, é lembrar de ir onde há esquecimento, é escutar horrores com a força de delicadeza, é estar presente na impermanência (Noal, 2017). É constituir um sujeito a partir da escuta, é costurar as palavras que se ouve e formar uma narrativa, dando bordas mais firmes à resiliência (Broide & Broide, 2020; Gutfreind et al., 2013). Às vezes, isso tudo fica simbolizado quando apenas seguramos a mão de alguém. Como diz uma grande amiga minha, “coisas miúdas são grandes”.

Irene – cidade nome

Irene é o nome de uma cidade distante que muda à medida que se aproxima dela. A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se

abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene. (Calvino, 1990, p. 115)

Já é passada a hora de sairmos das nossas confortáveis poltronas, questionarmos as universais interpretações que tanto usamos e utilizarmos nosso poder criativo para produzir novos dispositivos clínicos que deem conta da realidade social que vivemos. Além do “não saber”, o ato de “ser humano” é um valor fundamental que Ogden (2005) nos lembra. Noal (2017) vem reforçar e atualizar esse conceito, rompendo fronteiras que nem sequer pensamos existir.

Os diferentes processos de subjetivação produzem diferentes narrativas e formas de se relacionar, pensar, sentir e agir. Não há como sentir a margem estando no centro. É necessário deslocar-se: “A cabeça pensa onde os pés pisam... onde o povo vive, luta, sofre, alegra-se e celebra suas crenças e vitórias” (Frei Betto, 2015, n. p).

Aqui contei a minha pequena grande história, com pequenos, mas constantes, gestos. Para quem começa nesta travessia entre mundos, sugiro que não fique só com a minha versão, mas se aventure a viver as suas, para que possamos, assim, costurar novas realidades e possibilidades. Da mesma forma que Winnicott, agradeço aos mais diversos sujeitos que encontrei pelos mundos que conheci, por terem me acolhido e ensinado, não só sobre a minha profissão, mas sobre a vida.

Referências

- Ansara, S., & Dantas, B. S. do A. (2010). Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 95-103. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100012>
- Azevêdo, A. V. S. (2009). A psicologia social, comunitária e social comunitária: definições dos objetos de estudo. *Psicologia em Foco*, 3(3), 64-71.
- Bion, W. R. (1969). Notas sobre la memoria y el deseo. *Revista de psicoanálisis*, 26, 679-692. (Trabalho original publicado em 1967)
- Betto, F. (2015). Dez conselhos para os militantes de esquerda. *Bancários DF*. Recuperado em 6 de junho de 2023, de <https://bancariosdf.com.br/portal/frei-betto-dez-conselhos-para-os-militantes-de-esquerda/>
- Broide, J. (2010). *Psicanálise nas situações sociais críticas. Violência, juventude e periferia: uma abordagem grupal*. Curitiba: Juruá.
- Broide, J., & Broide, E. E. (2020). *A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções*. São Paulo: Escuta.
- Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva.

- Gamillscheg, J. (2021). *Ubuntu*. Minas Gerais: Editora Livr(a).
- Gonçalves, M. A., & Portugal, F. T. (2016). Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 562–571. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p562>
- Gutfreind, C., Celia, I. L., Beck, N., & Guerra, V. (2013). *A obra de Salvador Celia: empatia, utopia e saúde mental das crianças*. Porto Alegre: Artmed.
- Jesus, C. M. de. (2020). *Quatro de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática.
- Maciel, T. M. F. B., & Alves, M. B. (2015). A importância da psicologia social comunitária para o desenvolvimento sustentável. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(2), 272-282.
- Miranda, D. W., & Félix-Silva, A. V.. (2022). As subjetividades periféricas e os impasses para a descolonização da clínica psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42(spe), e264143. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003264143>
- Montero, M. (2004). *Introducción a la Psicología Comunitaria: desarrollo, conceptos y procesos*. Buenos Aires: Paidós.
- Noal, D. (2017). *O humano do mundo: diário de uma psicóloga sem fronteiras*. São Paulo: Alto Astral.
- Ogden, T. H. (2005). Do que eu não abriria mão. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12(3), 403-415.
- PM4NGO. (2020). *Guia Project DPro Gerenciamento de Projeto para Profissionais de Desenvolvimento*. Recuperado em 6 de junho de 2023, de <https://www.pm4ngos.org/pt/download/guia-project-dpro-portugues/>
- Scarpato, H. B. K., & Guareschi, N. M. de F. (2007). Psicologia social comunitária profissional. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe2), 100-108. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500025>